



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6575 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

PESQUISA DE CAMPO SOBRE/COM INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM PERNAMBUCO: ANTES E DURANTE E A PANDEMIA DO COVID-19

Maria da Penha da Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não há financiamento

PESQUISA DE CAMPO SOBRE/COM INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM PERNAMBUCO: ANTES E DURANTE E A PANDEMIA DO COVID-19

Introdução

A presente proposta de comunicação resulta de uma pesquisa de doutorado em andamento, a qual se se insere nos debates sobre os povos indígenas na Educação Superior com ênfase na atuação sociopolítica dos estudantes indígenas nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco/IFs. A discussão diz respeito às possibilidades de realização de uma pesquisa de campo sobre/com indígenas antes e durante a pandemia do COVID-19, sobretudo, quando nesta situação se presume a necessidade do isolamento social tanto dos/as pesquisadores/as, quanto dos/as pesquisados/as.

Temos como objetivos situar o campo em estudo e discorrer sobre as estratégias metodológicas utilizadas mediante os limites e possibilidades impostos ou negociados. Tendo em vista tratar-se de uma etnografia multilocal, online e colaborativa, consideremos os múltiplos lugares de circulação e produção do conhecimento e colaboração mútua entre pesquisadores/as e pesquisados/as, o compromisso ético e social assumido por ambos em nome de uma causa comum.

Portanto, a presente proposta está organizada em quatro seções mais as considerações finais. Na primeira, situaremos nosso interesse na temática em estudo; em seguida, discutiremos as opções de cursos nos *Campi* dos Institutos Federais onde os participantes da pesquisa estão vinculados; na terceira, descreveremos o processo de aproximação e delimitação do campo empírico, mais as escolhas metodológicas e estratégias utilizadas. Por fim, apresentaremos os resultados e os próximos encaminhamentos, corroborando a ideia sobre a etnografia nas suas múltiplas perspectivas como um dos caminhos viáveis para compreender as atuações sociopolíticas educacionais dos povos indígenas na contemporaneidade.

Pesquisa exploratória: por que estudar os indígenas na Educação Superior em

Pernambuco?

Compreendemos como pesquisa exploratória a fase de aproximações com a temática a ser estudada, estabelecendo a delimitação do campo, a seleção dos/as colaboradores/as, e elaboração de estratégias de inserção efetiva no campo (MINAYO, 2010). Nesse propósito observamos que a partir de 2011 o Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/INEP incluiu na contagem o número de matrículas nos cursos de graduações presenciais e a distância considerando o requisito cor/raça. E desde então é possível acompanhar as estimativas de ingressos de pessoas na Educação Superior pelo critério étnico-racial. Sobre os povos indígenas observa-se um crescimento substancial de matrículas na última década. Certamente reflexo da implantação das políticas afirmativas por meio das cotas e reservas de vagas somando-se às políticas de assistência estudantil (LIMA, 2016).

Nessa perspectiva foi ainda possível observar que no geral os números de matrículas de indígenas na Educação Superior entre os anos de 2011 e 2016 cresceram cinco vezes mais, passando de 9.756 para 49.026 matriculados. Sabendo que no ano de 2012 foi aprovada a Lei nº 12.711/2012, conhecida como a “lei das cotas” possibilitando aos/as estudantes advindos de escolas públicas e de famílias de baixa renda, pretos, pardos ou indígenas ingressarem na Educação Superior nas instituições federais. Em 2013 foi publicada a Portaria nº 389, criando o auxílio permanência destinado aos estudantes indígenas e quilombolas matriculados nos cursos de graduações nessas instituições.

Observamos também que, embora as políticas afirmativas pesem de forma positiva no crescimento dessas matrículas, a adesão às instituições privadas permanece significativamente mais elevada. As instituições privadas são as mais acessíveis aos indígenas, pois muitas estão localizadas mais próximas dos territórios onde habitam, portanto, distantes das instituições públicas. (LIMA; BARROSO, 2013, p. 57). E mesmo com a expansão universitária e a interiorização da Educação Superior pública, ainda prevalece o maior número de matrículas de indígenas nas instituições privadas.

Portanto, as estatísticas do Censo da Educação Superior do INEP, somando-se as informações sobre os indígenas no Censo/IBGE 2010, evidenciaram a pertinência em pesquisar sobre/com os indígenas na Educação Superior em Pernambuco. Pois, observamos que o relatório intitulado “Características Gerais dos indígenas” (2012, p. 169), resultante do citado Censo do IBGE/2010, constatou que o estado de Pernambuco apresentava a maior população indígena no Nordeste, sendo contabilizados 60.995 indivíduos. Também esse estado tem liderado a região, com 5.561 indígenas matriculados na Educação Superior. Em Pernambuco, no Semiárido, com a concentração e diversidade de povos indígenas, os Institutos Federais são as instituições públicas mais próximas desses/as estudantes.

Indígenas nos Institutos Federais de Pernambuco

Em Pernambuco existem dois Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologias: o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco/IFPE; e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambuco/IF-Sertão. O primeiro sediado em Recife, com 16 *Campi* localizados do litoral à região do Semiárido e 17 Polos de Educação a Distância. Com 78 cursos, desde o Ensino Médio/Técnico à Pós-Graduação. O *Campus* Recife concentra o maior número de cursos no nível superior, enquanto tem outros *Campi* com um único curso superior. O *Campus* Pesqueira tem quatro cursos, três na área das Ciências Exatas (Engenharia, Física e Matemática) e apenas Enfermagem na área das Ciências Humanas.

No IF-Sertão Pernambuco sediado em Petrolina, são seis *Campi* situados na região do

Semiárido, com predominância dos cursos na área das Ciências Exatas, mas, em contrapartida existem cursos diferenciados, a exemplo de: Tecnologia em Alimentos; Vinicultura e Enologia; Gestão em Tecnologia da Informação; e Sistema de Internet. Todavia, quando distribuídos nos *Campi* ocorre a mesma situação do IFPE, a sede concentra um número maior de cursos superiores. Nos *Campi* Floresta e Salgueiro, por exemplo, onde encontra-se matriculada grande parte dos participantes da nossa pesquisa, existe apenas dois cursos nessa categoria do primeiro (Licenciatura em Química e Tecnologia em Gestão da Informação), e três na segunda (Licenciatura em Física, Tecnologia em Alimentos e Tecnologia em Sistema de Internet).

Conforme estudos sobre a rede dessa instituição em outros estados, observou-se que é regida pela perspectiva desenvolvimentista orientando a Educação profissional em todo o Brasil. Portanto, evidenciando a predominância do discurso político institucional para elevar o desenvolvimento regional onde os Institutos Federais foram implantados, por meio da difusão dos conhecimentos técnico e tecnológicos (REIS JUNIOR, 2017; SANDESKI, 2016; SILVA, 2017; SILVA, 2015; OLIVEIRA, 2019; MANTOANELLI, 2016).

Até o segundo semestre de 2019 foi possível constatar os seguintes números de matrículas de indígenas nos *Campi*: no IFPE *Campus* Pesqueira estimava-se aproximadamente 106 estudantes indígenas dos povos Xukuru do Ororubá e Xukuru de Cimbres; no IF-Sertão *Campus* Floresta 91 incluindo os povos Pankará, Pankará Serrote dos Campos, Tuxá Campos, Pipipã, Pankararu e Atikum; no *Campus* Salgueiro 49 indígena matriculados dos povos Atikum, Truká, e Tumbalalá/BA. Totalizando 254 indígenas, diferenciados entre si e diferentes dos estudantes não indígenas.

Explorando as possibilidades da etnografia multilocal, online e colaborativa

A perspectiva da Etnografia multilocal busca avançar alguns limites das etnografias convencionais. Dentre os quais, pretende superar a análise de fenômenos localizados quando por vezes etnógrafos/as analisam sem estabelecer relações com contextos globais que influenciam tais fenômenos, resultando em concepções essencialistas sobre determinados grupos ou atores sociais (MARCUS, 1995; CLIFORD & MARCUS, 2016; PERRET, 2012). Ao mesmo tempo, trata-se de uma pesquisa etnográfica colaborativa na perspectiva latino-americana, a qual assume um compromisso ético e social com os grupos ou atores envolvidos na pesquisa de campo avançando para além da observação participante, onde a colaboração é pensada como “[...] um espaço para a produção de teorias, um lugar crucial onde o conhecimento é criado em colaboração” (RAPPAPORT, 2018, p. 325).

Nessa perspectiva, iniciamos nossa incursão no campo a partir de alguns/mas indígenas conhecidos/as, e participamos de algumas reuniões de um grupo de estudantes indígena moradores em Recife. Além das reuniões físicas, havia um grupo no WhatsApp nominado como “Grupo de Estudos Indígenas”. A composição inicial deste era diversa e ao mesmo tempo dispersa, unindo pessoas de várias etnias, inclusive de outras regiões do país, advindos/as de instituições públicas e privadas, cursos e áreas de conhecimentos também diversas.

Foi nesse grupo onde soubemos que ocorreria a 2ª reunião de preparação do I Seminário de Estudantes Indígenas no Nordeste/I SEMIN, ocorrida em setembro de 2018 na cidade de Pesqueira-PE, como parte de um evento organizado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco/IFPE. Do grupo do Recife fomos duas pessoas. A reunião para pensar a organização do I SEMEIN contou com 15 estudantes indígenas dos povos Xukuru do Ororubá/PE, Xukuru de Cimbres/PE, Potiguara/PB, Pataxó Hã Hã Hãe/BA, Tumbalalá/BA, Truká/PE e Pankararu/PE.

Decidimos restringir a pesquisa de campo apenas aos/as estudantes indígenas nos Institutos Federais em Pernambuco. Embora continuássemos em contato com alguns/mas indígenas do grupo anterior quando participamos das reuniões de discussões sobre o I SEMEIN, onde atuamos diretamente na organização. Algumas vezes, três indígenas do grupo do Recife foram ou voltaram de carona conosco, como também uma indígena do IFPE *Campus* Pesqueira e como é esperado da etnografia colaborativa, pesquisador/a e pesquisados/as vivenciam situações de colaborações mútuas.

De novembro de 2018 à setembro de 2019 quando ocorreu o I SEMEIN nos deslocamos por várias vezes de Recife/PE à Baía da Traição/PB onde localiza-se o território do povo Potiguara, perfazendo aproximadamente 190 km de distância. Ainda durante esse período, viajamos à Brasília/DF para acompanhar a participação de alguns/mas estudantes indígenas dos Institutos Federais no 3º Congresso Internacional dos Povos Indígenas da América Latina, realizado na UnB nos dias 3 a 5 de julho/2019.

Nosso último encontro físico com alguns desses/as estudantes foi em dezembro, quando foram convidados para assistir a defesa do TCC de um dos indígenas do grupo do Recife e ao final realizaram uma roda de diálogo. Também estavam presentes outros indígenas estudantes e moradores na Capital. Durante este evento nos limitamos somente a observar a desenvoltura e as interações de ambos os grupos. No início de 2020 nos mudamos para morar numa cidade na região do Semiárido pernambucano afim de continuar a pesquisa de campo junto aos estudantes indígenas do IFPE *Campus* Pesqueira, e IF-Sertão *Campi* Floresta e Salgueiro. Duas semanas após a mudança se instalou a pandemia do COVID-19 em grande parte do Brasil e as instituições públicas fecharam as portas e os povos indígenas também interditaram os acessos aos territórios onde habitam.

Mediante o impedimento do contato físico, priorizamos a Etnografia Online. Esta conhecida e consolidada na Antropologia nas últimas décadas, considerando que, se a longa estadia física no campo possibilita os/as etnógrafos/as formular e rejeitar certas teorias a partir da experiência vivida em campo, isso também pode ser realizado sem necessariamente atender aos critérios convencionais. Pois, quando etnógrafos/as e participantes podem optar pelo uso de mídias que possam torna-los visíveis virtualmente, se beneficiarão tanto quanto aqueles que estão face a face fisicamente, (HINE, 2015, p. 56-57). Nessa perspectiva, continuamos a nos comunicar por WhatsApp com os estudantes indígenas que conhecíamos e pedimos indicações de outros contatos. Também passamos a usar a plataforma do Facebook, Instagram, Youtube, Zoom e Google Meet.

RESULTADOS

Com a pesquisa exploratória percebemos quão grande é o número de indígenas na Educação Superior em Pernambuco. E a participação nas reuniões do grupo de estudantes indígenas em Recife foi o caminho até os estudantes indígenas nos Institutos Federais. Onde no evento do IFPE *Campus* Pesqueira percebemos a intensa participação dos estudantes indígenas Xukuru do Ororubá e Xukuru de Cimbres.

Na reunião de preparação do I SEMEIN ocorrida no IFPE, notamos que embora o grupo de estudantes indígenas apresentasse certa diversidade, chamava atenção que todos os membros estudavam em instituições públicas e defendiam uma demanda comum, a necessidade de se articularem politicamente a nível regional e nacional.

A nossa participação naquele evento e na referida reunião foi fundamental para a delimitação do campo e dos participantes na pesquisa. Como nosso interesse é a compreensão das formas de organizações e articulações das demandas sociopolíticas dos estudantes indígenas nas instituições públicas em Pernambuco, vimos grande potencial de conteúdo a

serem explorados com os estudantes indígenas nos Institutos Federais naquela região.

Posteriormente, nossa participação no I SEMEIN possibilitou maiores aproximações com o campo e os/as participantes da pesquisa. Ao mesmo tempo que contribuíamos na organização daquele evento observávamos em *lócus* a desenvoltura destes/as, como articulavam estratégias de interações e resoluções de problemas e demandas individuais e coletivas.

Quanto a fase da pesquisa online, onde utilizamos o WhatsApp, usamos de estratégias de comunicação conforme o desejo de cada um dos participantes; alguns/mas preferiram somente por mensagens de textos, outros/as optaram por chamadas de vídeos, mensagens de áudio, envio de fotografias de ambientes, pessoas e eventos importantes na vida e no cotidiano deles/as. No Facebook, além de observar individualmente, também criamos um grupo com os/as participantes, onde podemos visitar com uma frequência diária, observando e trocando postagens de eventos, socializando interesses mútuos, como deve ser nas etnografias colaborativas. No Instagram seguimos observando as postagens e comentários individualmente.

Nas plataformas do Youtube, no Zoom e no Google Meet, seguimos o grupo em estudo pelas “lives”, onde por vezes alguns/mas são palestrantes, noutras vezes somos todos/as ouvintes. No atual momento, temos previsto para realizar nos próximos meses algumas reuniões virtuais, possivelmente com os participantes dos três *Campi* e suas lideranças “tradicionais” para discutirmos a pesquisa e os futuros direcionamentos conforme as demandas de cada povo. Provavelmente utilizaremos a plataforma *Zoom* ou a *Google Meet*.

Considerações finais

Compreendemos que a Etnografia multilocal, online e colaborativa, possibilita analisar a circulação de significados e identidades socioculturais em tempos e espaços múltiplos, estabelecendo conexões entre sistemas locais e globais; explorar espaços virtuais como possibilidades etnográficas; mantendo parcerias fundamentais para a realização da pesquisa, tem sido a mais adequada para analisarmos as ações sociopolíticas dos indígenas na Educação Superior em Pernambuco mesmo durante a pandemia do COVID-19. Foi através da colaboração que participamos de reuniões e eventos importantes para a elaboração das estratégias metodológicas da pesquisa. Como também percebemos que a etnografia online iniciara concomitantemente à etnografia presencial, pois a comunicação pelo WhatsApp com alguns/mas participantes ocorreram desde os primeiros contatos presenciais. Com isso concluímos que uma não anula a outra, nem necessariamente sejam interdependentes. Podem haver fases em que se complementam, ou ocorrerem separadamente como tem sido neste momento onde somente dispomos das possibilidades de comunicações online.

Referências bibliográficas

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística Educação Superior 2018**. Brasília: Inep, 2018. Disponível: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso: 26/11/2019.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Características gerais dos indígenas. In: IBGE, **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2012.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens/edUFRJ, 2016.

HINE, C. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday**. Bloomsbury

Academic, London, 2015.

LIMA, Antônio. C. de S.; BARROSO, Maria M. A presença indígena na construção de uma educação superior universal, diferenciada e de qualidade. In: LIMA, Antônio C. de S.; BARROSO, Maria M. (Orgs.). **Povos indígenas e universidade no Brasil: contextos e perspectivas**, 2004-2008. Rio de Janeiro, E-papers, 2013, 45-78. Disponível: <http://laced.etc.br/site/pdfs/LivroPovosIndigenas.pdf>. Acesso em 20/10/2015.

LIMA, Antônio C. de S. A educação superior de indígenas no Brasil: notas para balanços e possíveis perspectivas, à guisa de uma introdução. In: LIMA, Antônio Carlos de Souza. (Org.). **A educação superior de indígenas no Brasil: balanços e perspectivas**. Rio de Janeiro, E-papers, 2016. <http://laced.etc.br/site/pdfs/LivroPovosIndigenas.pdf>. Acesso: 10/06/2017.

MANTOANELLI, Iara. **A relação entre o desenvolvimento regional e a evasão no Instituto Federal Catarinense**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Regional, Blumenau, 2017.

MARCUS, George. **Ethnography in/of the world system: The Emergence of Multi-Sited Ethnography**. *Annual Review Anthropology*, v. 24, 1995, p. 95-117.

MINAYO, Maria C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Kelly E. de. **Guerreiros do Ororubá: o processo de organização política e elaboração simbólica do povo indígena Xukuru**. Recife: Edufpe, 2014.

PERRET, Gimenta. Territorialidad y práctica antropológica: desafíos epistemológicos de una antropología multisituada/multilocal. **Revista KULA. Antropólogos del Atlántico Sur**, n.4, Abril 2011, p. 52-60.

RAPPAPORT, Joanne. Más allá de la observación participante: la etnografía colaborativa como innovación teórica. In: LEYVA, Xochitl; ALONSO, Jorge, et al. **Prácticas otras de conocimiento(s) : Entre crisis, entre guerras**. 1a edición digital, Tomo I, Buenos Aires, CLACSO, 2018.

REIS JUNIOR, R. de L. **Os limites da experiência de estado desenvolvimentista no Brasil (2003-2015): o caso dos Institutos Federais**. 2017. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Brasília, 2017.

SANDESKI, Vicente E. **O conceito de tecnologia em Álvaro Vieira Pinto e suas implicações para a educação profissional: uma abordagem dos Institutos Federais**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2016.

SILVA, Jamile D. F. da. **Educação profissional, trabalho e desenvolvimento regional no Brasil no período recente**. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Regional, Blumenau, 2017.

SILVA, Laura F. da. **Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e o desenvolvimento do território: uma análise da política de educação profissional e as suas contribuições para o Município de Barreiros**. 2015. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – UFPE, Recife, 2015.

